

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

O PRESTIGIO DO CHEFE

Ao Sr. Dr. Oliveira Salazar foi entregue o capêlo e o diploma de doutor «honoris causa» da Universidade de Fordhan.

O sr. Francis Connolly, professor da Universidade de Fordhan, um dos mais categorizados estabelecimentos de ensino superior dos Estados Unidos da América, esteve na Presidencia do Conselho, acompanhado do sr. Albert Foss Fernald, encarregado dos negócios da América, em Lisboa.

Recebido pelo Chefe do Governo, entregou-lhe, em nome daquela Universidade, o capêlo e diploma de doutor «Honoris causa», grau que lhe foi conferido em 15 de Junho do corrente ano, como oportunamente noticiamos. O referido professor catedrático acentuou que aquela prova de estima e consideração da Universidade de Fordhan representa não só reconhecimento dos serviços prestados pelo sr. Dr. Oliveira Salazar a Portugal e a Europa, mas também apreço do reitor, professores e estudantes do mesmo centro universitário, que vêem, segundo afirmou ao Chefe do Governo português, o «leader exemplar para todo o mundo».

O professor Connolly terminou o seu pequeno discurso convidando o sr. Dr. Oliveira Salazar a aceitar aquela prova de «estima, honras e afectos de muitos homens por verificarem o exito alcançado pelo Chefe do Governo na realização de grandes e eternos ideais».

O sr. Presidente do Conselho agradeceu em breves termos a distinção que lhe foi conferida e as palavras que acaba de pronunciar o professor da Universidade de Fordhan, com quem conferenciou demoradamente.

POR 4 \$ 00

Uma excelente caixa de papel com 50 folhas e 50 envelopes.

O sr. Ministro das Obras Publicas em Espozende

Em visita ao porto, doca e Avenidas novas desta vila

No ultimo sabado, 6 do corrente, pelas 16 horas da tarde chegou a esta vila acompanhado pelo ilustre Governador Civil deste Distrito, ex.mo sr. Capitão Lucinio Presa, o engenheiro titular Ministro das Obras Publicas, Duarte Pacheco.

«O ilustre membro do Governo visitou o poetico local da Barca do Lago, cujas belezas admirou, e esteve depois no cais da doca, recentemente construido. Examinou os planos das obras a realizar nesta vila, entre elles a regularisação do pavimento nos terrenos de acesso à doca, onde vai ser construido um bairro de casas economicas destinadas a pescadores.

«Seguidamente o sr. engenheiro Duarte Pacheco visitou as Avenidas Novas, apreciando os trabalhos ali realizados e foi à foz do Cavado, onde constatóu a necessidade de reparação dos molhes.

«Depois de ter estado na praia de Suave Mar o sr. Ministro das Obras Publicas, que foi acompanhado, em todas as visitas feitas nesta vila, pelo preclaro Presidente da nossa Camara, sr. P.e Manuel de Sá Pereira, e outras individualidades de destaque, seguiu para Viana do Castelo.»

As impressões de S. Ex.a sobre Espozende foram magnificas, prometendo colaborar nos melhoramentos quanto possivel. Esperemos.

Olivença—Terra Portuguesa

Olivença, vila e praça de guerra da provincia do Alentejo, que pertence a Portugal desde 12 de Setembro de 1297, dia em que foi assinado o Tratado de Alcanices, pelo qual ficou pertencendo à nossa gloriosa e imortal Nação Portuguesa em troca de Aracena e Arcoche, está na posse da nossa vizinha Espanha contra todos os direitos, pois que os tratados são bem concludentes de que a Mui Nobre vila de Olivença é bem Portuguesa.

Olivença que foi fundada pelos élvios do ano de 995 A. C., era no ano de 1297, uma vila e praça de guerra de pouca importancia, mas D. Diniz tomou-a em tanta consideração que mandou reedificar o seu velho castelo, desobstruir e ampliar o seu fôssco, povoar a vila com portugueses e deu-lhe foral, em Lisboa, no dia 4 de Janeiro de 1298, foral este com todas as regalias e privilégios do da cidade de Evora.

A VOZ DO CORAÇÃO

O Dia de ESPOZENDE

Espozende, como todas as terras tem o seu dia que a cronologia historica assinala, para que os seus filhos possam rever-se no **espelho do passado**, os esforços que os seus antecedentes fizeram, para que os imitem, quando os não possam ultrapassar.

Um povo, só tem vitalidade, quando no dinamismo da sua vida, faz reboar aos mais, o rotativismo do seu civismo, que é a essencia da sua razão de ser.

Nos tempos de antanho,—ha quatro seculos—Espozende que dentro do seu rio—(naquelle enseada que vai da foz do Rio Cávado ao Marachão, e muitas vezes antes dos açudes até Barcelos, Centenas de iates, palhabetes e barcos outros de calado diverso, viam-se cruzar o Rio num vai e vem constante, deixando e carregando,—isto é,—fazendo o escoamento da produção dessa fertil regio.

O continuo registo da propriedade, os interesses em choque, fez com grande representação fôsse até ao Paço e solicitasse os forais da Vila para Espozende. D. Manuel I, ouvindo os interesados concedeu-os em 14 de Agosto e seu neto, D. Sebastião em igual data lhe deu o referendum.

O esforço e pertinacia dos nossos avoengos é de tal ordem que os seus filhos, tazem lembrar, quer dentro de portas dessa vila linda, como por toda a parte, onde haja um peito espozendense e dentro dele vive e pulsa um coração, com a sensibilidade caldeada, com a briza do Cávado, em mistura com a dos campos matizados que o margeia e os montes, que estende as vistas sobre eles, espiam os seus passos, para nos contar nesses serões de saudades que

jamais nos larga o pensamento.

Trôa nos ares os foguetes e morteiros, os acordes das bandas marciais se ouvem por toda a parte, galhardetes, festões, bandeiras, corêtos, roupagens varias de varias regiões ali se vê, cruzando as suas ruas e avenidas, sem se poder esquecer as regatas no Rio, que é sem duvida um dos numeros de maior atrativo que ali se realiza no periodo de 14 e 15.

Tambem, ha que destacar entre tudo, a romagem impolgante á Virgem Nossa Senhora da Saude e da Soledade, que nesses dias ali se realiza com grande pompa, chamando milhares de forasteiros, dando maior vida, à terra da nossa vida.

E' essa data, que os espozendenses, que vivem longe, lembrando sempre tal dia, comemoram com «uma peixada de caldeirada» a exemplo do que tem feito os mais anos.

O significado dessa peixada, que é a bem dizer um brodio, é assignalar por essas terras fóra, que os espozendenses jámais esqueceram o seu berço e fazer mostrar a quem os não conhecem ou fazem não conhecer, que ha uma terra que se chama **Esposzende**, que dentro das suas qualidades, necessidades de que é composta a sua vida, tem direito a que os governos olhem para ela, dando-lhe aquilo que necessita e que tem direito, não só por si, mas unico porto do distrito de Braga.

15 de Agosto!... — Espozendenses, ajoelhemos diante do altar da Patria, e elevemos o pensamento á terra do nosso nascimento, pedindo ás Virgens da Saude e Soledade que espiritualmente nos mande as Graças a que temos direito, pela fé que lhes depositamos e para que vele por todos os nossos que lá vivem.

Sêde todos neste dia um só espirito pairando sobre essa terra; berço e tumulto dos nossos pais, ninho dos nossos irmãos que por lá andam, jardim florido, onde as nossas cachopas dançam e cantam num bailar constante, fazendo ecoar a maviosidade das suas vózes, que nos vem aos ouvidos com as dos sinos e das aves, sinos e aves amigos e velhos conhecidos, que no seu badalar ou gorgear é todo a alma da nossa terra, que se vem fundir nos nossos corações pela Mão da Saudade que nos acompanha a toda a hora e por toda a parte.

Irmanai-vos pois, nesse pensamento sublime, e, crentes sempre nas virtudes do nosso povo, verificareis que cumprindo um dever de filhos, mais forte será

No dia 1 de Junho de 1510, D. Manuel I deu-lhe novo foral, em Santarém confirmando todas as regalias e previlégios do primeiro.

No ano de 1297, eram raros os edificios existentes em Olivença, quer dentro quer fora da fortaleza, onde se estendia um vastissimo olival, o qual se foi desenvolvendo gradualmente.

Em 1300, D. Diniz, mandou circundar a vila, que então já era uma das mais progressivas da região, por muralhas as quais ficaram com quatro portas.

D. João II, no ano de 1485, quando mandou construir no centro do castelo de Olivença uma sólida e altissima tórre, concedeu-lhe novo-braço que consta do seguinte: Em campo branco um castelo da sua côr e sobre este uma torre de cada lado uma oliveira verde, em alusão ao nome da vila.

Nos primeiros anos do século XVI, os portugueses mandaram construir uma magestosa ponte, sobre o rio Guadiana, ligando Olivença com a cidade de Elvas.

Foram ainda os portugueses que em 20 de Julho de 1641 repeliaram o assalto do exército castelhano composto de dois mil cavaleiros e oito mil infantes; que em 17 de Setembro do mesmo ano de 1641 defenderam galhardamente as suas muralhas contra nova investida dos castelhanos, pondo bem a descoberto o são patriotismo do seu leal coração.

E não tendo a corôa portuguesa dado causa ao rompimento da Convenção de Madrid de 15 de Julho de 1793, que firmava a amizade e mutua aliança que devia haver entre as duas monarquias da península (Portugal e Espanha) D. Carlos IV, rei de Espanha, fazendo tratados secretos com a república francesa para a occupação de Portugal, e tomando á força das armas a vila de Olivença, foi traidor para com o príncipe regente de Portugal, D. João. A declaração de guerra foi feita pela Espanha e pela França a Portugal não absolve a traição com que a Espanha celebrou com a França em 29 de Janeiro de 1800 o tratado para a occupação de Portugal.

Em 6 de Junho de 1801 assinou-se o tratado de paz de Badajoz, unico titulo com que Espanha poderia querer mostrar á primeira vista a legitimidade da posse de Olivença. Mas assim não é, nem pode ser e portanto vamos analisar o citado tratado, o qual diz:

«Sua magestade Católica (de Espanha) restituirá a sua Alteza Real (de Portugal) as praças de Jeromenha, Arronches, Portalegre, Castelo de Vide, Barbacena, Campo Maior e Orguelha, com todos os seus territorios, até agora conquistados pelas suas armas, ou que se possam vir a conquistar; e toda a artilharia, espingardas e quaisquer outras munições de guerra que se achasse: nas sobreditas praças, cidades, vilas e lugares, serão igualmente restituidas segundo o estado em que estavam e o tempo em que foram rendidas; e sua dita Magestade conservará em qualidade de conquista para unir perpétuamente os seus dominios e vassallos, a praça de Olivença, seu território e povos desde o Guadiana; de sorte que este rio seja o limite dos respectivos reinos naquella parte que unicamente toca ao sobredito território de Olivença».

Pelo preambulo conhece-se que eram trez as potencias beligerantes: Portugal, Espanha e França, e dois os tratados celebrados em Badajoz no mesmo dia e ano. Um entre Portugal e Espanha, e outro entre Portugal e França. E as seguintes palavras atestam esta minha afirmação:»

«Havendo concordado entre si os plenipotenciários das potencias beligerantes, convieram em formar dois tratados, sem que na parte essencial seja mais do que um, pois que a garantia é reciproca, e não haverá validade em algum dos dois quando venha a verificar-se a infracção dos artigos que neles se expressam».

E, assim, defendendo absolutamente a validade do tratado de Badajoz da inteira observancia dêle, bem como da do celebrado no mesmo dia entre Portugal e França, prova claramente a invalidade de um e outro, visto ter-se verificado a infracção não só num, mas em quasi todos os artigos de ambos os tratados. Para o demonstrar não é necessário mais do que recorrer a uma parte do artigo primeiro do tratado celebrado entre Portugal e França, em que se estabelece como obrigação reciproca, haver paz, amizade e boa intelligencia entre os dois povos, cessação das hostilidades e o restabelecimento das relações politicas entre as duas Nações, como anteriormente aos actos bélicos.

Nenhuma destas condições foi observada, por conseguinte ficaram nulos e de nenhum efeito os dois tratados, e ficando nulo e de nenhum efeito os dois tratados, ficou o celebrado entre Portugal e Espanha, sem efeito, com que direito conserva a Espanha a vila de Olivença?

Passados sete anos, em 1808, os espanhóis entram na liga an-

o reflexo do vosso amor e do vosso civismo.

Que esta voz imensa que nos invade e cimenta no coração, vá ter aos que lá vivem, fazendo-lhes sentir que os temos no coração.

Erguei as mãos em prece pois, num duplo sentimento—á nossa terra pela data dos seus forais, e na veneração e adoração que todos possuís ás Virgens da Saude e Soledade.

Com todo o respeito ás santas ergamos um viva á nossa terra e á nossa pátria.

Viva Espozende!
Viva Portugal!

A. E.

Comarca de Espozende

FALENCIA

(2.ª publicação)

Por sentença de 29 de Julho corrente, foi declarada a falencia de Domingos Lopes da Costa, casado, farmaceutico, desta vila e comarca de Espozende, sendo nomeado administrador da mesma, o Doutor Luiz Antonio de Souza e Costa, advogado, notário desta mesma vila, tendo sido marcado o praso de 15 dias a contar da primeira publicação deste anuncio, para a reclamação dos créditos.

Pelo presente são intimados os credores do falido, para no praso referido apresentarem na Secretaria Judicial desta comarca a reclamação dos seus créditos, com os documentos necessários.

Esposzende, 30 de Julho de 1938.

O Juiz de Direito,
Jaime Ferreira da Encarnação Rebelo.

O Chefe da 2.ª Secção,
Manuel F. da Costa Lima

VENDE-SE

Para partilhas a casa e eirado de lavradio com vinho, cortes para gado, cobertos e grande eira de João Fidalgo, na freguesia de Palmeira, do logar do Faro, e bem assim um grande campo de lavradio e vinha, fronteiro ao dito eirado. Para ver e tratar, em Palmeira com o mesmo e nesta vila com o Snr. JOÃO MAGALHÃES. Facilita-se o pagamento.

As festas da Senhora da Saúde nas Marinhas



Desejando publicar no nosso semário uma reportagem acerca do que serão as festas da Senhora da Saúde, nas Marinhas, fui-me até junto da comissão para colher alguns informes.

Estas festas, que desde sempre tem sido pela invasão de forasteiros, pela reunião de optimas musicas, pela forma garbada e caracteristicamente minhota do seu arraial, a primeira das Marinhas e uma das primeiras do concelho, parecia-me este ano um pouco ennevoadá, não porque estivesse de facto, mas simplesmente, porque certas más linguas, assim as pintavam.

Quis saber a verdade e percorri o espaço que me afastava da casa do sr. Francisco Miranda.

Foi lá que encontrei êsse snr. e o snr. José Cardoso. Estava bem. Eram os que procurava.

Depois dos cumprimentos disse um pouco á queima-roupa:

—Quería que me informassem ácer-

ca das festas de cá. Dizem que vão morrer...

E' certo?

—A'gora... E' mentira. Enquanto houver um saco e nas caixas algum milho, as festas viverão. Poderão uns anos ser mais lúsidias outras, mais pobres; mas morrer... não.

—Desde há muito que se fazem estas festas?

—Tal qual como estão actualmente, há uns 30 anos, mas os seus principios remontam a gerações muito afastadas.

—Mas êste ano vai ser muito mais decadente. Dizem que as musicas só veem no dia 15... Isto é para ir morrendo pouco a pouco!

—E' pura mentira. As musicas vêm no dia 14. Contamos com elas ás 21 horas, umas 7 horas mais tarde que o costume, mas em compensação teremos no dia 15 as bandas até ás 24 horas.

Ora elas nos anos anteriores iam ás 17 h. do dia 15; como êste ano só vão ás 24, a diferença, dos anos anteriores é quasi nula.

E isto, por ser impossivel arranjar musicas mais cedo.

—Mas como se compreende isto, sendo os próprios da terra a depauperar as festas, que por todos os titulos são as melhores das Marinhas?

—Infelizmente há de tudo como na farmacia. Mas... seria gente das Marinhas, ou estrangeira que tal coisa inventou? Cá na terra há uma detestável falta de bairrismo, mas estamos certos, não irá a tal ponto. Entretanto já dissemos: há de tudo como na farmacia.

—Qual é o programa de êste ano.

—No dia 6 começaram as novenas, acompanhadas a harmonium.

No dia 14, o povo será despertado por uma salva de morteiros.

A's 21 h. do mesmo dia darão entrada as afamadas musicas de Vilela e Vale de Cambra.

glo-lusa contra Bonaparte, em virtude deste ter mandado prender á traição a familia real espanhola e ter tomado varias praças e entre elas a de Olivença.

No dia 5 de Abril de 1811 o marechal inglês Bersford, ao serviço de Portugal e com tropas portuguesas, recuperou Olivença, que ficou pertencendo por direito a Portugal. Mas a regência do reino, por má interpretação dos tratados e por um impulso de mal entendida lealdade, entregou novamente aos castelhanos Olivença, e estes apesar dos protestos do povo português, conservam-na ainda hoje tendo-se recusado a restituí-la, apesar de em 7 de Maio de 1817 ao assinarem a acta final do Congresso de Viena, terem reconhecido a justiça das reclamações apresentadas por Portugal e terem-se comprometido a fazer a restituição da vila portuguesa de Olivença.

Lisboa, Junho de 1938.

Alvaro Martins de Jesus.

Em seguida, principiará o arraial nocturno iluminado por centenas de lamparinas e ornamentado á minhota havendo duas sessões de fogo ar.

No dia 15 ás 8 h. concerto musical. A's 11 h. missa solene. A's 13 h. concerto pelas duas laureadas bandas. A's 17 h. sermão, e em seguida, uma vistosa procissão, onde tomarão parte dezenas de anginhos. Recolhida esta, subirão aos seus coretos as duas musicas que extasiarão os milhares de forasteiros, até ás 24 h., terminando as festas por um êndo fogo aquático.

Haverá divertimentos por todo o arraial, durante o dia.

—Então pelo que vejo, isto não morre já?

—Impossivel. Desde que a festa se infiltrou no coração do nosso povo, a festa será difficil morrer.

Depois a tradição criada pela casa Terezinhas—Cardoso, Areias Ribeiro, a leitura dos pergaminhos dos antepassados, que sempre dedicaram o melhor esforço em favor desta festa, essa leitura e essa tradição se a festa morresse, seria suficiente para a fazer reviver. Mas... se ela morresse—condição irreal—. As festas não accusam decadencia, não descem para o ocaso, antes, elas sobem para um zenith, que se divisa ainda bem.

As festas são boas já, e no futuro, contámo-las melhores. O povo das Marinhas, tem brio, excepto uma diminuta parte.

Portanto não morrerão.

—Era isso o que eu queria saber. Muito obrigados, desculpem a maçada, e então posso dizer aos quatro ventos que há festa da Senhora da Saúde, nas Marinhas, que há dois arraiais nocturnos, que as musicas vêm no dia 14 e vão no dia 15 ás 24 h. e que as festas não morrerão.

—Isso mesmo.

—Muito obrigados, e desculpem.

Reporter.

Principio de incendio

Na quarta-feira ultima manifestou-se um principio de incendio na vizinha freguesia de Criás, num mate exposto numa eira pertencente ao Sr. Manuel Novais.

Chegada a comunicação do caso á nossa corporação de Bombeiros, imediatamente saiu um carro auto-bomba e o qual não chegou a prestar os seus serviços.

A Corporação de Fão tinha-o já extinguido. Nestas alturas faz-se sentir a falta do telefone nestes lugares distantes.

Conferencia

Realizou num destes dias uma conferencia na sala das Sessões da Camara Municipal, a sr.a D. Estela Brandão falando sobre «Maternidade». A sala que estava repleta aplaudiu calorosamente a conferente.

Agradecemos o convite.

Viação-Espozendense

Novos Horários de Verão

Partidas de Espozende para Braga ás 7,40 e 17 horas.

Regresso de Braga ás 9,45 e 18,45.

Camionete diária para a Praia Svaue-Mar

A's 9,25 com regresso ao meio dia.

1\$00 ida e volta

MENSALIDADES MAIS BARATAS

De férias

Encontra-se, nesta vila, em gôso de férias o Ex.mo Sr. Manuel de Jesus Souza Almeida, muito digno professor na freguesia de Alvelos e nosso presado assinante.

Ao Público

Seja benvindo, se vem por bem, e com boa disposição, fazer a escolha e a compra de um dos lindos e modernos córtes para fato, ou de quaisquer tecidos, de entre o variado e belo sortido, para a estação de Verão, que chegou á casa

Guimarães em Espozende

que faz preços sem receio de competencia, porque adquire todos os seus artigos directamente das fábricas.

Rua 1.º de Dezembro

V. Ex.ª tem gosto em ter um fato bem feito?

—Procure a Alfaiataria Ferreira de Antonio J. Ferreira

Rua 1.º de Dezembro
Espozende



Antes que cases, vê o que fazes.

Erros que é preciso remediar

Tem o concelho de Espozende tres escolas officiais, dadi-vas generosas de benemeritos amigos da instrução, que até ha pouco conservavam na sua fachada principal o nome do seu fundador.

Assim temos em Forjães as magnificas escolas Rodrigues de Faria; em Fão as Escolas Amorim Campos; em Antas, remodelaram o edificio e os illustres engenheiros, deitaram para o barril do lixo o nome do seu fundador e substituíram-lh'o pelo distico—«Escola Primaria».

Protestamos contra semelhante resolução.

A escola de Antas, tinha o nome do seu illustre fundador, que deu o terreno, fez a casa, comprou a mobilia e o material didatico, e os illustres reformadores do edificio, não ligaram meia ao seu nome sobre todos os pontos illustre, dando ao edificio um nome que nada justifica e que é uma autentica injustiça contra que protestamos vehementemente.

Em tempos, um jornal de Braga referia-se em termos muito lisongeiros a um benemerito que deu o terreno para uma escola.

Em Espozende, fez-se o contrario: substitue-se o nome do fundador d'uma escola pelo distico—«Escola Primaria».

Esperamos que a Junta de Antas, num rasgo de energia, mande apear o letreiro—«Escola Primaria» e o substitua pelo nome do benemerito que do- tou aquela freguesia com uma escola magnifica.

Não só faz justiça mas perpetua a memoria do fundador da escola, que d'aqui a alguns anos ninguem saberia quem tinha sido.

Esperamos não ter de voltar a este assunto, mas se as nossas palavras forem com o nome do fundador da Escola para o barril do lixo, nós avivaremos a memoria dos membros da Junta, que são quem tem obrigação de fazer saber a quem por ali passa, que aquela escola teve um fundador e teve um nome que desejamos ver colocado no seu lugar.

Licenças de cães de caça

Ao senhor Presidente da Camara Municipal de Espozende apresentamos a local a seguir transcrita e que veio publicada

no «Diario do Minho», de 31-7-938:

«A pedido da Associação Venatoria concelhia, a Camara Municipal de Braga, deliberou que as licenças de cães de caça passem a custar 5\$00, acrescidas dos adicionais, o que eleva a 7\$20 a totalidade das referidas licenças».

A Comissão Venatoria Concelhia de Espozende deve pedir ao Ex.mo Presidente da Camara, para que aqui se faça o mesmo.

Ora custando em Espozende cada licença de cão de caça 15\$80, o que pode acontecer é que cada um arranje as licenças onde calhar.

Pedimos ao Senhor Presidente da Camara o favor de olhar para este caso com a devida atenção.

CARNES VERDES

Podem-nos a publicação do seguinte:

Snr. Redator do «Espozendense».

Porque nos parece que o assunto interessa sobremaneira o nosso concelho, pedimos a fineza de transcrever no seu jornal a tabela junta, dos preços da carne, no Porto:

Vitela

Perna, sem osso	8\$000
Pã e fundo, sem osso	7\$600
Costeletas, rilada e costela	7\$600
Peito e fralda, sem osso	5\$000
Peito com o osso que tem	5\$000
Perna inteira	6\$500
Costeletas banda inteira	6\$000

Carne de Boi

Vazio inteiro	7\$000
Carne da perna para cozer, sem osso	7\$000
Jarrete, rabada e posta falsa sem osso	8\$000
Vazio sem osso	9\$000
Lombo, sem osso	10\$000
Capa, oculo e sobre-peito, fundo e nispo, sem osso	6\$000
Peito e fralda, sem osso	4\$800
Ossos para a sopa	1\$000
Capas de carne	2\$500

E' sabido que o nosso lavrador vive ou melhor vejeta e nunca ninguem se lembrou de uma epoca semelhante á actual.

Antigamente, a sua tabua de salvação era o gado, que chegou a vender no tempo do Angola e Metropole, por kilos.

Tantos kilos dizia o lavrador e tudo nadava em dinheiro.

A's vacas gordas sucederam as magras e hoje vende as suas vitelas a razão de 3, 4, 5 e às vezes 6 esc. o kilo de carne limpa. E' assim que compra o magarefe. E como vende ele ao publico a vitela? A 12\$000 o kilo...

Que grandes benemeritos?!.

Tem sido feitas, repetidas instancias junto da Camara, para por cobro a este tremendo abuso, mas, parece que o caso não a interessa. Pode dizer-se abertamente que os magarefes são

hoje os senhores de Espozende. Fazem o que querem, resolveram tirar todo o cotão dos bolsos dos consumidores, e ninguem lhes vai á mão. Matam quando querem e onde querem, etc.

Se ao menos tivéssemos a certeza que a carne era boa? mas quem sabe o que se come?

Espozende tem um matadouro que se não é um modelo de hygiene, também há peior por ahí fóra.

Tem um guarda, e um empregado camarario, que apenas lá aparece, para carimbar a carne. Este ultimo devia andar sempre na rua, precisava ter fãro de perdigueiro, meter o nariz em todas as esquinas, mas, transformaram-no em empregado de carteira, e o resultado é a pratica de abusos, constantes, sistematicos e habituais.

Repetimos: cada um faz o que quer e não dá satisfações, seja a quem fór.

Temos dito centos de vezes aos lavradores, que eles precisam de uma tutela. Vendem magnifica carne pelos preços acima indicados, e compram por mais Jinheiro bacalhau podre que para nada presta.

Porque se não juntam umas tantas casas em cada aldeia, e aos sabados não matam um vitelo para seu consumo? Porque não querem e porque são parvos, desculpem o termo, mas é assim mesmo.

Se a Camara intervem, obrigando os magarefes a vender a carne por preço decente, limitando os ganhos exagerados dos fornecedores, ou antes «particulares», vão tomar o compromisso de fornecer ao publico, vitela magnifica a 6\$000 o kilo e ainda hão de ganhar dinheiro.

Como está não faz sentido, e enquanto não houver providencias, nós, do nosso cantinho, continuaremos a gritar semanalmente...

O' da guarda! Acudam-nos!...

Z.

Predios á venda

Vendem-se dous predios sendo um de lavradio e outro de mato. ambos com perto de 8.000 metros quadrados, situados na freguesia de Palmeira, os quais ficam á margem da estrada. Quem os pretender pode dirigir-se a José Fernandes Neto da Silva, da mesma freguesia.

Padre nosso...nosso

(Para alguns assinantes)

Assinantes nossos que estais atrasados, pagai as vossas assinaturas logo que vos seja presente o recibo á cobrança ou feito o aviso, venha a nós o que nos pertence, que tanta falta nos faz, seja feita a nossa vontade, tanto na liquidação dos debitos como em arranjardeis mais assinantes, o produto do nosso esforço será para manter o jornal com dignidade, perdoai as nossas exigencias assim como nós perdoamos as vossas lamentações, não nos deixeis continuar em critica situação e livrai-nos do grande mal de continuarmos com recibos em atraso. Amem.

Uma obra de cultura de história nacional

Enciclopédia Histórica de Portugal

Dirigida por

A. Duarte de Almeida

O mais interessante arquivo da história pátria

Todas as figuras da nossa Historia tem nesta obra o seu artigo especial.

Todas as batalhas, conquistas, factos notaveis, monumentos, etc., são narrados duma forma clara e concisa.

Uma obra para portugueses estudiosos, grande auxiliar do professor, do estudante, do jornalista, etc.

Esta obra é apresentada com um aspecto pratico e económico, em pequenos volumes artisticamente cartonados, cujo preço é de 10\$00 cada volume. Deve ficar completa em 12 volumes.

Estão publicados os seis primeiros volumes que se encontram á venda em todas as livrarias e tabacarias.

Dirigir pedidos a

João Romano Torres

LIVRARIA EDITORA

70, Rua Alexandre Herculano, 76—LISBOA

Guias para envio de correspondência oficial

A' venda nesta redacção, aos melhores preços.

POR 7\$50

Uma lindissima caixa de papel fantasia, com 25 folhas e 25 envelopes, o que há de mais moderno.

Joel de Magalhães

MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12 e em Fão das 14 ás 15 e meia horas